

A mistagogia da homilia e sua dimensão catabático-anabática

*Eufrázio Luiz Morais da Silva*¹

Resumo: A partir da reflexão teológica apresentada na Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, é do nosso interesse apresentar o tema da homilia em sua dimensão mistagógica. Desse modo, temos como objetivo mostrar a importância da redescoberta das Sagradas Escrituras na celebração litúrgica realizada pelo Concílio Vaticano II. Essa redescoberta dos textos bíblicos no culto contribuiu para a restauração da homilia como momento privilegiado do diálogo entre Deus e seu povo. Assim, considerando as Sagradas Escrituras como fonte principal para a pregação litúrgica, o homileta precisa haurir da Palavra de Deus os tesouros divinos que conduzem os fiéis ao mistério pascal. Tal mistério, núcleo da fé cristã, deve ser o ponto de partida e a meta da pregação. Dessa maneira, a finalidade da homilia mistagógica não é outra senão corroborar aos participantes da assembleia litúrgica um autêntico «mergulho» nos sagrados mistérios à luz da Palavra de Deus. Esta, por sua vez, prolongada no coração dos seus ouvintes, torna-os ícones do Crucificado-Ressuscitado. Por esse motivo, apresentaremos, à luz da teologia litúrgica do Concílio Vaticano II e do parágrafo 917, do Documento de Puebla, a mistagogia da homilia em seu duplo movimento: “descendente-ascendente”, também denominado como “catabático-anabático”.

Palavras-chave: Homilia. Palavra de Deus. Concílio Vaticano II. mistagogia. catábase-anábase.

INTRODUÇÃO

Inseridos no contexto da comemoração dos cinquenta anos do “Mês da Bíblia”, temos a satisfação de contribuir com as pesquisas teológicas do I Congresso Nacional de Liturgia, organizado pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). Não desconhecemos que essa iniciativa pastoral realizada anualmente pela Igreja do Brasil segue em continuidade com a reflexão teológica do Concílio Vaticano II que promoveu inúmeras reformas na vida da Igreja, especialmente, no âmbito litúrgico. Dentre as reformas litúrgicas, destaca-se a redescoberta da Palavra de Deus na celebração litúrgica. Tal redescoberta, pôs fim ao “exílio” das Sagradas Escrituras, inaugurando, no seio da Igreja, uma legítima “epifania” da Palavra. Ainda que exista em muitas consciências uma espécie de hiato entre as duas partes que compõem a celebração litúrgica, com mais evidência na celebração da Eucaristia, o Concílio Vaticano II, de forma contundente, expressou a forte unidade que há entre liturgia da Palavra e liturgia eucarística, formando, assim, um só ato de culto. Por essa razão, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* afirmou que a Igreja sempre venerou as Sagradas Escrituras tal como ela venera o próprio corpo do Senhor (DV 21).

¹ Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio e sacerdote da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Nela, exerce a função de assessor eclesial da Pastoral da Iniciação à Vida Cristã e pároco da Matriz Nossa Senhora da Cabeça. E-mail: eufraziolms@gmail.com

Diante desse laborioso trabalho que foi sazonado pelos Movimentos Bíblico e Litúrgico, os textos bíblicos encontram na liturgia o seu lugar privilegiado, recordando ao povo de Deus as maravilhas que o Senhor operou na economia da salvação. O resgate da Palavra de Deus no culto, promovido pelo Concílio, procurou incutir nos fiéis aquele “amor suave e vivo da Sagrada Escritura” (SC 24).

Com efeito, a reforma litúrgica não somente favoreceu a redescoberta dos textos bíblicos em seu âmbito genético, a liturgia, mas também corroborou para que houvesse uma nova reflexão sobre a homilia enquanto parte da liturgia. Aqui, fazemos eco das palavras do Papa Francisco que se deteve esmeradamente sobre o tema da pregação dentro do contexto da liturgia, na qual, “reveste-se de um valor especial a homilia (...) por ser o momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental” (EG 137). Desse diálogo, o homilista, haurindo das Sagradas Escrituras as explicações que serão interpretadas e atualizadas, provocará no coração de cada fiel presente na assembleia litúrgica aquele hino de louvor que, pelo Cristo, no Espírito, glorifica o Pai. Portanto, à luz do “primado da Palavra”, desenvolvido pelo Concílio Vaticano II, é do nosso interesse abordar neste artigo a redescoberta da Palavra de Deus na celebração litúrgica, assim como a mistagogia da homilia e sua dimensão catabático-anabática.

1 A REDESCOBERTA DA PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

Diante de muitas reformas realizadas pelo Concílio Vaticano II, destacamos a reforma da liturgia que foi, ao longo de muitos anos, maturada pelo Movimento Litúrgico, fortemente marcado pela teologia bíblica. A partir dessa reforma, reconhecemos que surgiram muitos resultados que favoreceram à vida espiritual dos fiéis. Dentre eles, ressaltamos o primado da Palavra de Deus que tem grande expressão em dois documentos: a Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* e a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, fruto da reforma executada pelo Movimento Bíblico. Com ambos os documentos, o Concílio Vaticano II ressignificou a celebração litúrgica como autêntico lugar das Sagradas Escrituras, tendo a celebração eucarística como paradigma. Por esse motivo, “é necessário lembrar que essa centralidade da Palavra de Deus verdadeiramente impulsionou a vida e a ação evangelizadora de nossa Igreja” (PARANHOS, 2021).

Isso pode ser verificado a partir da Constituição Litúrgica ao afirmar que “é máxima a importância da Sagrada Escritura na celebração litúrgica” (SC 24). Nela, a Palavra encontra o seu *locus* privilegiado onde “Deus fala a seu povo, Cristo continua a anunciar o Evangelho e o povo responde a Deus com o canto e a oração” (SC 33). Assim, à luz da *Dei Verbum*, conseguimos entender que “a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como também o próprio corpo do Senhor” (DV 21). Decerto, tudo isso contribuiu para a redescoberta da Palavra de Deus no culto litúrgico, colaborando para que surgisse, igualmente, um novo olhar sobre o espaço celebrativo. Agora, além do altar, também ganharam destaque o ambão e a cátedra.

Hoje, quando entramos no lugar da assembleia, não apenas vemos destacado o altar como lugar litúrgico, mas contemplamos também o ambão, do qual se proclama a Palavra, e a cátedra, da qual aquela é comentada: isso já é um símbolo do enriquecimento conquistado (FARNÉS, 2007, p.26-27).

Por essa razão, não desconhecemos que o Concílio Vaticano II, a partir dos documentos conciliares acima citados, recuperou a importância das Sagradas Escrituras no interior da celebração, suscitando, portanto, uma nova expressão que, segundo P. Farnés, antes, era totalmente desconhecida, tornando-se, hoje, muito comum: “Liturgia da Palavra” (FARNÉS, 2007, p.26). Vale ressaltar que o Concílio, além de acentuar a capital importância da Palavra de Deus na vida da Igreja, afirma que Cristo “está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura” (SC 7).

Na Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini*, Bento XVI asseverou o protagonismo das Sagradas Escrituras no culto e declarou que a Igreja é “a casa da Palavra”. Nela, deve ser dada uma atenção singular à sagrada liturgia que constitui efetivamente o terreno primordial em que Deus dialoga com os homens. Afinal, é possível constatar que “cada ação litúrgica, por sua natureza, está impregnada da Sagrada Escritura” (VD 52). Sendo assim, é importante ter em consideração que toda celebração litúrgica é constituída de três dimensões essenciais, a saber: dimensão anamnética, ou seja, a memória ou “recordação” que se faz de toda a economia salvífica; dimensão epiclética, que é a ação do Espírito Santo invocada na liturgia; e dimensão doxológica, que é a glorificação do Pai, pelo Filho no Espírito.

No que concerne à dimensão anamnética, segundo a mentalidade bíblico-cristã, o termo grego *anámnesis* traz consigo uma densidade teológica que ultrapassa o nosso termo equivalente “recordação”. A *anámnesis* litúrgica não significa apenas uma estreita ligação mental com um acontecimento no passado, ao contrário, ela é a experiência de reviver o evento passado no “hoje” litúrgico, projetando-o para o futuro, graças à eficácia das maravilhas operadas por Deus na história.

A dimensão anamnética tem como seu fundamento a celebração pascal dos hebreus contida no Antigo Testamento, cuja celebração era a “recordação” da salvação que Deus realizou em favor do seu povo. É o memorial da libertação da escravidão que, outrora os israelitas viveram no Egito e, toda vez em que era celebrada a páscoa, tornava presente e como que atualizada a redenção operada por Deus (Ex 12,1-14). Para ilustrar a *anámnesis* litúrgica, C. Rocchetta diz que no início da celebração pascal dos hebreus era proclamado o texto de Dt 6,20-24 e, nela, o filho perguntava ao seu pai: “Por que esta noite é tão diferente das outras?”; o pai, vivendo talvez mais de mil anos após o evento da libertação do Egito, podia, por sua vez, repetir na fé: “nós éramos escravos... e Iahweh nos fez sair...” (ROCCHETTA, 1991, p.193). Em outras palavras, o memorial litúrgico, na potência do Espírito, reedita o evento do passado como um “hoje” salvífico alcançando todas as gerações, tanto do presente como do futuro, tal como descreve o episódio de Jesus no culto sinagoga em Nazaré (Lc 4,16-21).

Desse modo, a proclamação litúrgica das Sagradas Escrituras não só faz anamnese do passado, mas também “presentifica” as ações salvíficas do Pai, operadas por Cristo, na força do Espírito Santo. Na liturgia, a Palavra de Deus “concentra e envolve os ouvintes na tríplice dimensão do tempo: passado, presente e futuro” (CELAM, 2005, p. 161), inserindo-os em outros parâmetros atemporais, tornando-os, de forma antecipada, participantes da liturgia celeste.

Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria (ALDAZÁBAL, 2007, p. 22).

Na liturgia judaica, a dimensão anamnética, que compreende o memorial das ações salvíficas da Antiga Aliança, está profundamente marcada na oração dos Salmos recordando e atualizando os prodígios de Deus, incitando, assim, o louvor e a ação de graças no coração do orante. Contudo, é com a páscoa de Cristo e com a liturgia cristã que o “memorial” alcançará um significado mais profundo e mais pleno quando Jesus diz aos seus discípulos na última ceia: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Aqui, todos revivem e se tornam participantes do mistério pascal do Senhor.

A *anámnesis* litúrgica, que torna presente as ações de Cristo, só é possível pela ação do Espírito Santo, invocado em cada liturgia. Assim, torna-se expressiva a dimensão epiclética, afinal, é com a “epiclese” que a promessa de Cristo aos seus discípulos, tornará atual tudo o que deve ser “recordado” (Jo 14,26). No que diz respeito a essa dimensão, J. Aldazábal afirma que o Cristo e o Espírito são protagonistas da Palavra.

Cristo está presente e atua na proclamação da Palavra porque ele é a Palavra definitiva de Deus e a partir de sua vida gloriosa ele se dá a nós na celebração. Mas se expressa também outra convicção: o Espírito Santo, ‘doador da vida’, o mesmo que atuou como protagonista na encarnação, na ressurreição de Cristo e em Pentecostes sobre a comunidade, é quem agora, na celebração, não só atua sobre os dons eucarísticos ou sobre a comunidade que deles participa, mas já na proclamação da Palavra. É ele que torna realidade a Palavra e abre o coração dos fiéis para acolhê-la, com um tom ‘epiclético’ que ultrapassa o limite da oração eucarística e dá vida a toda celebração (ALDAZÁBAL, 2011, p. 409-410).

Com efeito, o mesmo autor não hesita em afirmar “que há uma atitude ‘epiclética’ não apenas na Oração Eucarística, mas também na celebração da Palavra” (ALDAZÁBAL, 2007, p.24). Bento XVI declara que é possível constatar uma estreita relação entre a Palavra de Deus e o Espírito ao dizer que “constantemente anunciada na liturgia, a Palavra de Deus permanece viva e eficaz pela força do Espírito Santo” (VD 52). Por outro lado, é impossível

uma legítima compreensão da revelação cristã fora da ação do Paráclito (VD 15), pois é nas Sagradas Escrituras que testemunhamos a ação do Santo *Pneûma* na economia salvífica.

Dessa maneira, com a proclamação da Palavra de Deus no culto, o Espírito Santo historiciza no “hoje” litúrgico a obra redentora de Cristo dilatando o coração humano às realidades do alto e devolvendo-lhe o verdadeiro sentido para o qual foi criado: amar a Deus e o seu próximo. Portanto, é necessário admitir que não há liturgia sem ação do Paráclito, pois toda celebração litúrgica é uma epifania do Espírito. “Graças à ação santificante do Espírito, cada realidade se torna «cristofania»” (SANTANA, 1999, p.69) e, simultaneamente, gera no seio da Igreja a sua doxologia.

A dimensão doxológica, em sua natureza, concentra a ação de graças e o louvor ao Pai, por meio de Cristo, no Espírito Santo. Na celebração da eucaristia, ela se torna mais evidente na conclusão da doxologia presente em cada oração eucarística, conforme o rito latino, ilustrando a unidade das Pessoas divinas e a comum glorificação entre elas: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós, Deus Pai, todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda a glória, agora e para sempre”². Uma vez que “é na liturgia que toda a realização da Palavra encontra o seu ápice” (TRIACCA, 1992, p.144), e, nela, todos os homens, transfigurados pelo Santo *Pneûma*, fazem memória da bondade de Deus na história da salvação, à luz da dimensão doxológica, homem e mulher reconhecem a vocação de se tornarem “glória de Deus”. Por esse motivo, expressarão que a sua vida é uma *eucharistia*, no sentido mais original do termo, isto é, uma ação de graças.

Isto posto, com a redescoberta da Palavra de Deus no culto, contemplada sob a ótica da tríplice dimensão litúrgica, muitos outros elementos foram recuperados na sagrada liturgia: a organização dos lecionários para o uso na celebração eucarística, o incremento das celebrações da Palavra e a homilia como parte integrante da liturgia. Esta, por sua vez, recebeu uma oportunidade de densa reflexão teológica, em especial, a sua dimensão mistagógica.

3 A MISTAGOGIA DA HOMILIA E A SUA DIMENSÃO CATABÁTICO-ANABÁTICO

Desenvolvido pelo Concílio Vaticano II, o “primado da Palavra” favoreceu tanto a redescoberta das Sagradas Escrituras no culto como para a pesquisa teológica da homilia. Isso pode ser verificado na Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* a partir dos parágrafos 24, 35 e 52. Nesse documento, os parágrafos citados apresentam, respectivamente, a Sagrada Escritura como fonte principal, cujos textos bíblicos são explicados na homilia. Em seguida, aborda a homilia como parte da ação litúrgica e a importância de ela haurir, em primeiro lugar, os seus temas dos textos bíblicos e da liturgia. Por fim, recomenda vivamente que a homilia exponha os mistérios da fé e as normas da vida cristã.

2 Texto eucológico conclusivo de cada Oração Eucarística, segundo a tradução portuguesa do Missal Romano.

Sem pretensão de fazer um percurso histórico da pregação litúrgica, é importante recordar que, por muito tempo, a Palavra de Deus foi exilada da celebração litúrgica, sobretudo, no período medieval em que a homilia foi desenvolvida como pregação temática. Nesse período, particularmente com a Escolástica, era escolhida, a partir do texto bíblico, uma “frase-efeito” para a pregação e, nela, discorria uma catequese de cunho doutrinal. Outrossim, aconteceu durante a época moderna, quando a homilia revestiu-se de caráter religioso-moralizante por não ter a Palavra de Deus como a sua fonte principal.

Com o passar do tempo e com a incompreensão da Palavra devido à barreira da língua, a questão da liturgia da Palavra começou a assumir conotações cada vez mais morais, e foi sendo substituída paulatinamente por pregações, por palavra sobre a Palavra. Desse modo, o lugar da Palavra vai se convertendo no lugar da pregação, em um púlpito (do latim *pulpitum*: estrado, tribuna) com a finalidade de efetuar a catequese do que fazer parte propriamente da liturgia. (FRADE, 2012, p. 148)

Tudo isso contribuiu para que a homilia fosse vista apenas como um elemento secundário na celebração litúrgica, perdendo, assim, o seu caráter integrador entre a proclamação da Palavra e rito sacramental. Dessa maneira, os elementos constitutivos da homilia também foram sendo preteridos durante a pregação, eclipsando a participação dos fiéis no mistério pascal de Cristo. Esses elementos podem ser classificados como anamnético, querigmático, profético, cristológico, pneumático, trinitário e mistagógico. Neste artigo, o nosso objetivo consiste unicamente em refletir sobre a mistagogia da homilia. Assim sendo, necessário se faz recorrer ao termo grego *mystérion* que está relacionado ao universo bíblico e incorporado ao campo da revelação, especialmente, na teologia paulina, conforme apresenta V. Finelon:

A palavra ‘mistério’ está, na maioria das vezes, ligada com determinadas noções teológicas, tais como: revelação (Rm 16,25; 1Cor 2,10; Ef 3,3.5), conhecimento (Rm 16,26; Ef 1,9; 3,3.5), manifestação (Rm 16,26; Cl 1,26), e pregação e anúncio (1Cor 2,1.7; 4,1; Ef 3,8; Cl 4,3.4). Em 1Tm 3,16, o ‘mistério’ aparece acompanhado dos participípios passados: ‘manifestado’, ‘justificado’, ‘aparecido’, ‘proclamado’, ‘crido’ e ‘exaltado’. Isso nos ajuda a perceber que o mistério é aquilo que Deus quer revelar aos homens. No caso paulino, Deus está comunicando aos crentes seu mistério, ou seja, a si mesmo e a sua vontade para o mundo através de Jesus (FINELON, 2014, p.25).

É possível observar nas perícopes acima que o termo “mistério” tem como significado a revelação que Deus faz de si mesmo, por meio do seu Filho e da sua obra redentora, aos homens e mulheres que o receberam pelo batismo e são, progressivamente, introduzidos no mistério pascal de Cristo. O. Casel, grande expoente da Teologia do Mistério, nos diz que o Mistério Divino pode ser identificado a partir de três aspectos. Primeiro, o Mistério Divino

é, antes de tudo, Deus nele mesmo que, sem hesitar, desce até à sua criatura e revela-se a ela. O segundo aspecto, tendo a teologia paulina como fundamento, O. Casel identifica o Mistério Divino como a maravilhosa revelação de Deus em Jesus Cristo que é, por sua parte, o Mistério em pessoa. O último aspecto é o complemento dos dois primeiros, ou seja, desde que o Cristo historicamente não está presente entre os homens, a sua presença se manifesta nos “mistérios do culto” por meio das ações sagradas executadas pelos ministros da Igreja (CASEL, 2009, p. 18 e 19).

Os três aspectos refletidos mostram-se necessários para compreendermos a mistagogia da homilia. Por meio dela, o homileta tem a nobre missão de conscientizar os fiéis que o Mistério Divino se manifesta tanto na Palavra como no rito sacramental. Para G. Boselli, “a mistagogia é, ao mesmo tempo, conhecimento do mistério contido nas Escrituras e conhecimento do mistério contido na liturgia. O objeto do conhecimento é único: o mistério de Deus” (BOSELLI, 2014, p.18). À guisa de ilustração, nos comentários ao Elenco das Leituras da Missa, J. Aldazábal declara que a função da homilia mistagógica é conduzir a assembleia litúrgica à celebração sacramental, com mais evidência na celebração da eucaristia. Nela, se “realiza de modo eminente o mistério pascal de Cristo anunciado pelas leituras” (ALDAZÁBAL, 2007, p. 44).

Com efeito, o mistério pascal de Cristo, anunciado nas leituras e na homilia, realiza-se por meio do sacrifício da missa. (...) Assim, pois, a homilia, quer explique as palavras da Sagrada Escritura que se acaba de ler, quer explique outro texto litúrgico, deve levar a assembleia dos fiéis a uma ativa participação na eucaristia, a fim de que ‘vivam sempre de acordo com a fé que professam’ (ALDAZÁBAL, 2007, p. 44 / OLM 24).

Ilustres mestres das Escrituras Sagradas, os Padres da Igreja, em seus comentários aos textos bíblicos, conhecidos como “catequeses mistagógicas”, preparavam os catecúmenos para receberem o batismo e a eucaristia na vigília pascal. Uma vez batizados, as homilias mistagógicas conduziam os neófitos, progressivamente, no mistério pascal de Cristo e nas normas da vida cristã.

Por conseguinte, a homilia mistagógica assume em sua natureza um duplo movimento ascendente e descendente. Esse movimento provoca no coração dos ouvintes da comunidade assembleal uma profunda ação de graças, transfigurando cada batizado numa hóstia de louvor. Podemos denominar esse duplo movimento ascendente e descendente como anabático³ e catabático⁴. Em continuidade com o arcabouço teológico do Concílio Vaticano II, o documento final da III Conferência Episcopal Latino-Americana, em Puebla, é de suma importância para a reflexão da homilia mistagógica em sua dimensão catabático-anabática,

3 O termo grego ἀνάβασις pode ser traduzido como “ascensão”, “subida”, evocando, aqui, ação de toda a realidade cósmica elevando a Deus o seu louvor e a sua ação de graças (BAILLY, 2000, p.116).

4 Dentre muitos significados, o termo κατάβασις pode ser traduzido como “descida”, “abaixo”, designando, em nossa pesquisa, a ação das Pessoas divinas na santificação do homem. (BAILLY, 2000, p.1027).

especificamente o parágrafo 917. Nele, encontramos a seguinte afirmação: “o Pai, por Cristo e no Espírito, santifica a Igreja e, por ela, o mundo; mundo e Igreja por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão glória ao Pai” (DP 917).

Na primeira expressão, encontramos o movimento catabático que evidencia a ação descendente das três pessoas divinas gerando, na Igreja, a sua santificação e, por seu intermédio, a santificação do homem e de todo o cosmos. Na segunda expressão, vemos que as duas realidades santificadas, num movimento anabático, elevam, por Cristo, no Espírito, a glorificação do Pai. Essa dimensão catabático-anabática da homilia mistagógica pode ser demonstrada pelo texto profético que compara a Palavra de Deus com a chuva e a neve que, descendo do céu, regam a terra e fecundando-a, faz germinar a semente. Igualmente acontece com a Palavra que sai da boca de Deus, isto é, ela não volta para ele sem antes ter realizado o seu efeito e cumprido o objetivo de sua missão (Is 55,10-11).

Dentro desse contexto da pregação litúrgica, é importante que o homileta não deixe de haurir das Sagradas Escrituras como a sua fonte primordial, assim como das demais partes que compõem a liturgia. Recordamos que “mediante as leituras é preparada para os fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se para eles os tesouros da bíblia” (IGMR 57), tornando, assim, a homilia como o “momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental” (EG 137).

Somente desse modo, a dimensão catabático-anabática da homilia mistagógica alcançará a sua finalidade que consiste na santificação dos seus ouvintes e, conseqüentemente, na dilatação interior de suas vidas elevando a Deus o seu louvor e a sua ação de graças, dentro e fora do culto. Portanto, vale realçar que a mistagogia da homilia, conduzindo a assembleia litúrgica ao Mistério Divino, revela a sua natureza pascal e proporciona a todos os batizados uma profunda experiência da Palavra em seu âmbito privilegiado, a celebração litúrgica. Nela, o Pai, pelo Cristo, no Espírito, imprime em todos os fiéis o ícone do Crucificado-Ressuscitado.

CONCLUSÃO

Ao longo de todo o artigo, tivemos como propósito apresentar a importância capital da redescoberta das Sagradas Escrituras na sagrada liturgia como o seu ambiente privilegiado. Além disso, a partir da Teologia da Palavra, fruto de todo arcabouço teológico produzido pelo Concílio Vaticano II, desenvolvemos o tema da Palavra de Deus à luz da tríplice dinâmica litúrgica. Essa Palavra, fonte da espiritualidade cristã, proclamada liturgicamente na potência do Espírito, deixa de ser meramente texto escrito e torna-se Palavra de salvação. Acolhida com esmerada atenção, a proclamação litúrgica das Escrituras transfigura a comunidade assembleal numa doxologia viva e a homilia, com sua mistagogia, corrobora para que os fiéis, santificados pelos textos bíblicos, prolonguem em suas vidas aquele eco pascal a fim de que todas as suas ações se dirijam para a glória de Deus.

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, José., A Mesa da Palavra I: Elenco das leituras da Missa. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____, A Eucaristia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- BAILLY, Anatole. ἀνάβασις, εως. In: BAILLY, A. Dictionnaire Grec-Français. Paris: Hachette, 2000. p. 116.
- _____, κατάβασις, εως. In: BAILLY, A. Dictionnaire Grec-Français. Paris: Hachette, 2000. p. 1027.
- BENTO XVI, PP., Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova Ed. rev. e amp. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOSELLI, Goffredo. O sentido espiritual da liturgia. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- CASEL, Odo. O mistério do culto no cristianismo. São Paulo: Loyola, 2009.
- CELAM. In: PALUDO, Faustino; D'ANNIBALE, Miguel Angel. Manual de Liturgia II – Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina. Santa Sé. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 06 de out., 2021.
- _____, Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia. Santa Sé. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 06 de out., 2021.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Documento de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.
- FARNÉS, Pedro. A Mesa da Palavra II. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FINELO, Vitor Gino. Teologia do Mistério: Aspectos bíblico-patristicos e teológico-litúrgicos. Rio de Janeiro, 2014. 160p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- FRADE, Gabriel dos Santos. Arquitetura e liturgia: as contribuições do movimento litúrgico à arquitetura católica paulistana [1933-1962], p. 147. <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18304/1/Gabriel%20dos%20Santos%20Frade.pdf>> Acesso em: 07 de out., 2021.
- FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PARANHOS, Washington. A Palavra como um “acontecer” e um “encontro”. <<https://faculdadesuite.edu.br/fajeonline/palavra-presenca/a-palavra-como-um-acontecer-e-um-encontro/>> Acesso em 01 de out., 2021.
- ROCCHETTA, Carlo. Os sacramentos da fé. São Paulo: Paulinas, 1991.
- SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã. Rio de Janeiro: Edições Bom Pastor, 1999.
- TRIACCA, Achille Maria. Bíblia e Liturgia. In. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 1992. p.135-151.